

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE PORTO ALEGRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA**

**PROJETO MEU QUERER: ABRINDO CADEADOS PARA UMA VIDA
COM MAIS LIBERDADE E OPORTUNIDADE**

ESTELA MARIS GRUSKE JUNGES

**PORTO ALEGRE
OUTUBRO, 2023**

ESTELA MARIS GRUSKE JUNGES

PROJETO MEU QUERER: ABRINDO CADEADOS PARA UMA VIDA COM MAIS LIBERDADE E OPORTUNIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vania Roseli Correa de Mello

Porto Alegre, 2023

Catalogação de Publicação na Fonte

J95p Junges, Estela Maris Gruske.

Projeto meu querer: abrindo cadeados para uma vida com mais liberdade e oportunidade. / Estela Maris Gruske Junges – Porto Alegre, 2023.

56f., il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vania Roseli Correa de Mello.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; Curso de Pós-graduação em Gestão Pública, Unidade em Porto Alegre, 2023.

1. Sistema Socioeducativo. 2. Projeto Meu Querer.
3. Empoderamento Feminino. 4. Autonomia. 5. Projetos de Vida.
I. Mello, Vania Roseli Correa de. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Carina Lima CRB10/1905

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Vania Roseli Correa de Mello - Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a. Estéfani Sandmann de Deus
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a. Stella Nazareth Meneghel
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho aos que partilham comigo a luta em defesa da vida com mais oportunidade e dignidade. Dedico também aos colegas socioeducadores e às socioeducandas do CASEF.

RESUMO

Buscou-se discutir sobre o Sistema Socioeducativo no que tange a privação de liberdade de adolescentes e jovens adultas tendo como estudo condutor de análise o Projeto Meu Querer, realizado no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino do Estado do Rio Grande do Sul (CASEF) no período que compreende de 2021 a 2023. O Projeto Meu Querer é uma proposta de espaço de aprendizado em que a escolha do “Querer” emerge da própria socioeducanda. O que você quer aprender? O que você quer descobrir? O que você quer fazer? As socioeducandas escolhem o que querem aprender e as Agentes Socioeducadoras atuam como facilitadoras/mediadoras daquele aprendizado. O objetivo deste estudo foi o de Investigar-narrar-compreender de que modo o Projeto Meu Querer contribuiu para o empoderamento feminino, o desenvolvimento de autonomia e para a construção de projetos de vida. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritivo, no qual foi realizado uma narrativa mesclando autobiografia, com análise documental, literária e narrativas de histórias de vidas sob a ótica da pesquisadora. Além de sistematizar a experiência do Projeto Meu Querer, que apresenta características específicas e peculiares que merecem registro, esse estudo buscou desmistificar o trabalho socioeducativo e dar visibilidade à população feminina privada de liberdade.

Palavras-chave: Sistema Socioeducativo; Projeto Meu Querer; Empoderamento Feminino; Autonomia; Projetos de Vida.

ABSTRACT

We sought to discuss the Socio-educational system with regard to the deprivation of freedom of adolescents and young adults, using as a study conduct analysis Meu Querer Project carried out at the Women's Socio-Educational Service Center of the State of Rio Grande do Sul (CASEF) carried out during the period which runs from 2021 to 2023. Meu Querer Project is a proposal for a learning space in which the choice of “want” emerges from the socio-education student herself. What do you want to learn? What do you want to discover? What do you want to do? Socioeducators choose what they want to learn and Socioeducational Agents act as facilitators/mediators of that learning. The objective of this study was to investigate-narrate-understand how Meu Querer Project contributed to female empowerment, the development of autonomy and the construction of life projects. descriptive, in which a narrative was created mixing autobiography, with documentary, literary analysis and narratives of life stories from the researcher's perspective. In addition to systematizing the experience of Meu Querer Project, which presents specific and peculiar characteristics that deserve to be mentioned, this study sought to demystify socio-educational work and give visibility to the female population deprived of liberty.

Keywords: Socio-educational System; Meu Querer Project; Female Empowerment; Autonomy; Life Projects.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASE - Agente Socioeducadora

CASEF - Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino

CASE'S - Centros de Atendimentos Socioeducativos

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FASE/RS - Fundação de Atendimento Socioeducativo do Estado do Rio Grande do Sul

FEBEM - Fundação do Bem-estar do menor

ICPAE - Internação com Possibilidade de Atividade Externa

IP - Internação Provisória

ISPAE - Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa

PEMSEIS - Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo Geral.....	15
2.2 Objetivos Específicos.....	15
3 UM POUCO DE HISTÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO DO PROJETO MEU QUERER.....	16
3.1 Centro de Atendimento Socioeducativo: Um pensar sobre a história.....	16
3.2 Projeto Meu Querer: Uma nova Proposta de se fazer (Socio)educação.....	20
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	25
5 ABRINDO CADEADOS PARA UMA VIDA COM MAIS LIBERDADE E OPORTUNIDADE.....	28
5.1 Empoderamento Feminino: Ninguém empodera ninguém!.....	28
5.2 Desenvolvimento de autonomia: para uma vida com mais liberdade e objetivos!.....	35
5.3 Construção de Projetos de Vida.....	38
6 REFLEXOS E REFLEXÕES REGISTRADOS EM DIÁRIO DE CAMPO: ENCONTRANDO O MEU QUERER.....	41
6.1 A primeira onda: O silêncio assusta!.....	42
6.2 Segunda onda: Imagine!.....	43
6.3 Terceira Onda: Para onde a maré vai nos levar?.....	45
6.4 Quarta onda: Sou Autoridade!.....	46
6.4 Quinta onda: Morremos na praia!.....	48
6.5 Feito areia de volta para o mar!.....	50
7 CONSIDERAÇÕES NADA FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

A VIDA É LOKA

Esses dias tinha um moleque na quebrada com uma arma de quase 400 páginas na mão.

Umas minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.

Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto ler no ônibus.

Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas. Depois saíram por aí vomitando versos na calçada.

O tráfico de informação não para.

Uns estão saindo algemados aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase.

Essas vidas mansas estão esvaziando as cadeias e desempregando os Datenas.

A vida não é mesmo loka?

Sérgio Vaz, 2016.

(Poesia utilizada pela Dra Karla Aveline, Juíza da 4ª Vara do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre em sentença em que negou acusação por tráfico de drogas do Ministério Público contra adolescente. A arte colaborou para justificar como a desigualdade social, a violência e o desamparo do Estado tornam crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade em alvos de organizações criminosas e do trabalho infantil).

1 INTRODUÇÃO

A Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS) é a instituição responsável por executar o Programa Estadual de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade (PEMSEIS). Está organizada em 25 Centros de Atendimento Socioeducativo (CASE's), 24 masculinos e 1 Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (CASEF). Sendo o único Centro de atendimento Socioeducativo Feminino do Estado, o CASEF, recebe adolescentes e jovens adultas dos 10 juizados da Infância e da Juventude do Estado entre 12 e 21 anos. Ou seja, adolescentes do sexo feminino e/ou do gênero feminino que cometem ato infracional em qualquer uma das 497 cidades gaúchas são encaminhadas à Porto Alegre (FASE, 2023).

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal realizados por adolescentes (considera-se as idades que compreendem de 12 a 18 anos incompletos legalmente adolescentes, conforme o ECA) considerando a idade do mesmo à data do fato (até 18 anos). O Estado pode aplicar as seguintes medidas aos adolescentes/jovens que tenham cometido algum ato infracional: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, inserção de regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional (ECA, 1990). As medidas de inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional são de responsabilidade da FASE.

A organização do CASEF se dá por grupos que ocupam espaços diferentes dentro da instituição de modo a separar cada medida socioeducativa (o centro feminino se difere de outros centros por ter uma cultura de não reprodução de termos utilizados pelo sistema penitenciário, portanto o termo “ala” é substituído por “grupo”). O Grupo 1 (G1) é destinado a adolescentes que estão em Internação Provisória (IP), momento em que a adolescente está aguardando a apuração dos fatos pelo poder judiciário. O Grupo 2 (G2) é destinado às adolescentes que estão em Internação Sem Possibilidade de Atividades Externas (ISPAE), ou seja, que o Ministério Público proferiu a responsabilização da jovem pelo ato cometido. O Grupo da ICPAE é destinado às adolescentes que estão cumprindo medida de Internação

Com Possibilidade de Atividades Externas, geralmente é o grupo que recebe adolescentes que tenham progredido de medida socioeducativa, ISPAE. O Berçário se configura em ser um espaço onde as adolescentes/jovens, gestantes ou com filhas/filhos pequenas/pequenos (mesmo que não estejam amamentando, já que o objetivo é fortalecer o vínculo e apostar na maternidade enquanto um dispositivo de “saída” da vida do crime), cumpram suas Medidas e/ou aguardem o resultado da internação provisória. O Berçário é o único grupo que adolescentes/jovens de medidas diferentes ficam juntas, compartilhando cada uma de sua maternagem. No mesmo terreno do Complexo socioeducativo (que compõem outros centros masculinos e de profissionalização) encontra-se o Grupo Semiliberdade Feminino, que segue tendo interface com o CASEF uma vez que os técnicos e os Agentes Socioeducadores que atuam com as adolescentes são os mesmos. O grupo da Semiliberdade não está regularizado uma vez que as normativas apontam que o alojamento deva estar localizado em bairro residencial, para que as adolescentes possam se inserir na comunidade com o menor estigma possível (ECA, 1990).

O ECA apresenta diversos direitos aos adolescentes, inclusive aos privados de liberdade. Ironicamente esses últimos, muitas vezes, só possuem seus direitos garantidos quando estão privados de liberdade, tais como: ter acesso aos objetos necessários à higiene e asseio pessoal; habitar alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade; receber escolarização e profissionalização; realizar atividades culturais, esportivas e de lazer.

Todas as adolescentes/jovens sejam as que estão na Internação Provisória sejam as que estão cumprindo Medida Socioeducativa são matriculadas em escola do Estado anexada à infraestrutura do CASEF. A escola não tem acesso para a rua e o trajeto até lá se dá passando por grades e cadeados, afinal é dever do Estado zelar pela integridade física e mental das internas, cabendo-lhe adotar as medidas adequadas de contenção e segurança (ECA, 1990). Ressalta-se que, embora haja grades e cadeados, a maior parte do tempo as portas dos dormitórios ficam abertas para que as adolescentes possam circular livremente e os portões que dão acesso a parte interna ficam encostados para que a circulação seja mais fluida.

Yoga, Oficina de Dança, Oficina de Artesanato, Oficina de Costura, Projetos profissionalizantes de higienização, lavanderia e noções administrativas, são

algumas das atividades que já foram/são realizadas no contraturno oferecidas por voluntários e pelos funcionários do quadro do Estado, na maioria Agentes Socioeducadores.

As atividades dirigidas realizadas no contraturno acontecem a partir de habilidades e competências das Agentes Socioeducadoras¹ e/ou voluntárias. Geralmente o ensino é realizado a partir do que o outro sabe, é um aprender por repetição. A agente socioeducadora (ASE) que sabe bordar ensina as mãos das adolescentes a abordarem; a ASE que sabe culinária ensina as adolescentes a cozinhare; a ASE que sabe artesanato ensina as adolescentes a produzirem arte. Mas, e se o desejo da adolescente pelo processo de aprendizagem se der sobre algo que quem está lá disponível a ensinar, não saiba?

O Projeto Meu Querer é uma proposta de espaço de aprendizado em que a escolha do “Querer” emerge da própria adolescente. O que você quer aprender? O que você quer descobrir? O que você quer fazer? As adolescentes escolhem o que querem aprender e as (ASE’s) atuam como facilitadoras/mediadoras daquele aprendizado. O acompanhamento é individualizado com a intenção de garantir o desenvolvimento de potencialidades das adolescentes do CASEF, garantindo atenção às suas singularidades. É o escutar o que o outro quer aprender, é o emergir e não o impor.

O Projeto Meu Querer atua na linha da educação Libertadora ou Problematicadora, pois foca não apenas no que o outro quer ensinar, mas sobretudo naquilo que se quer aprender. Essa abordagem de ensino, conceituada por Paulo Freire (1983), é uma maneira de estimular o pensar das adolescentes em soluções e a se entenderem como parte da sociedade. É uma oportunidade de que sejam explorados os potenciais, bem como de valorizar as singularidades que cada jovem apresenta, ou seja, proporcionar o desempenho de sua autenticidade.

Esta pesquisa busca investigar-narrar-compreender a relação do Projeto Meu Querer com a construção de projetos de vida, empoderamento feminino e

¹ Para a construção deste projeto optou-se por deixar os gêneros gramaticais no feminino, uma vez que o local de imersão é uma Unidade Socioeducativa Feminina onde a maior parte de seu quadro funcional são mulheres. Além do mais, problematiza, já que um dos temas abordados na pesquisa será o feminismo, de que os homens e pessoas de outros gêneros, se sintam representados também pela gramática quando colocada no feminino.

desenvolvimento de autonomia com mais liberdade e oportunidade. Mais do que uma escrita sobre o Projeto Meu Querer, essa pesquisa é uma reflexão sobre a privação de liberdade de adolescentes/jovens que estão cumprindo Medida Socioeducativa. É uma tentativa de desmistificar o trabalho socioeducativo e dar visibilidade à população feminina privada de liberdade.

Nesse estudo a “pesquisadora e o pesquisado”, são “sujeito e objeto do conhecimento” (Barros, 1994, p. 309). Trata-se de alguém que fala de um lugar de quem viveu essa experiência a partir da ótica da função de Agente Socioeducadora, idealizadora e uma das facilitadoras/mediadoras do Projeto Meu Querer. Não existe “pesquisa desinteressada e pesquisador neutro”, por isso essa pesquisa é para além da não neutralidade, trata do fazer de um sujeito implicado que resultará em uma “autoanálise, enquanto sujeito social” (Merhy, 2004, p. 21). Ter vivenciado e experimentado o Projeto de vários ângulos, traz para a pesquisa um alargamento do olhar ao mesmo tempo que corre o risco de apresentar pontos invisíveis em virtude dos vícios acometidos por quem está tão imergido no objeto de estudo.

LIBERDADE

Devolva por favor a sanidade...

Devolva por favor a liberdade, a vontade de viver.

Pessoas têm sentimentos, sonhos e planos; ainda querem crescer, amadurecer e envelhecer.

Ainda querem muito ou talvez já tiveram essa liberdade e perderam.

Eles não conseguem se achar, se perdem tentando se encontrar.

Eles correm atrás da liberdade, aflitos, à procura de um novo caminho.

Longe de tudo isso, pessoas são mais que isso.

Longe do preconceito.

Longe do racismo, procurando sobreviver.

Quem dera fosse fácil viver.

L.V.C, 2022

Poema escrito por uma adolescente participante do Projeto Meu Querer e publicado no livro "Onde moram meus pensamentos. Produções literárias e artísticas de jovens privados de liberdade".

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar-narrar-compreender de que modo o Projeto Meu Querer contribuiu para o empoderamento feminino, o desenvolvimento de autonomia e para a construção de projetos de vida.

2.2 Objetivos Específicos

- Refletir sobre a privação de liberdade de adolescentes/jovens que cumprem Medida Socioeducativa;
- Desmistificar o trabalho socioeducativo realizado no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino do Estado do Rio Grande do Sul;
- Dar visibilidade às mulheres privadas de liberdade;

3 UM POUCO DE HISTÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO DO PROJETO MEU QUERER

Imagine ter autonomia para escolher o que fazer no tempo disponibilizado a você? O que você escolheria? Imagine como seria ser provocada a pensar em algo para aprender, desenvolver e/ou experimentar. Imagine ter oportunidade de descobrir quais são os seus desejos, suas habilidades, seus sonhos. Imagine ter a possibilidade de iniciar os caminhos que te levam ao encontro dos seus objetivos. E Imagine aprender algo que o produto final não é palpável, e que estará sempre em você. O Projeto *Meu Querer* proporciona que todos esses “imagine” sejam realizados.

3.1 Centro de Atendimento Socioeducativo: Um pensar sobre a história

A Fundação de Atendimento Socioeducativo do Estado do Rio Grande do Sul (FASE/RS) completou um pouco mais de duas décadas. Criada em 2002 a partir da Lei Estadual nº 11.800, em resposta ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) publicado em 1990, em que buscou romper com o paradigma correcional-repressivo que orientava até então a política de bem-estar do menor, o qual também provocou o fim da antiga Fundação do Bem-estar do menor (FEBEM) (FASE,2023).

O ECA foi fundado no paradigma da proteção integral trazendo como compreensão que as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos. Trouxe a distinção no cuidado que o Estado deve prestar a crianças e adolescentes vítimas de violência e abandono e adolescentes autores de ato infracional. A FEBEM recebia crianças e adolescentes das mais diversas situações. Com a criação da

FASE, o serviço foi especializado sendo então, caracterizado como atendimento exclusivo a adolescentes/jovens autores de atos infracionais.

A missão da FASE é o de executar o Programa Estadual de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade (PEMSEIS) de forma ética, responsável, segura e em parceria com as famílias e a sociedade, oportunizando a reinserção social das Socioeducandas. Muitas instituições públicas deveriam ter como “missão” a busca por deixar de existir. Afinal, se a sociedade oferecesse oportunidades de se viver de forma digna, acesso à educação e saúde de qualidade, rede de apoio às famílias e tantas outras produções de cuidado, não teríamos adolescentes privados de liberdade. As ocorrências de violências não só originam diversos serviços públicos como dão sentido a sua continuidade. Terminar com a violência é extinguir o próprio serviço. A criminalidade e desvio não denotam qualidades naturais, mas culturais, uma vez que resultam de processos de definição que se desenvolvem no interior do mecanismo ideológico, pelo qual tem lugar a reprodução da realidade social (BARATTA, 2002).

A FASE representa uma falha generalizada do Estado, afinal para uma adolescente chegar a ser algemada, caso considerado excepcional, é porque uma sociedade inteira falhou: escola, família, comunidade, etc. Reinserção social é um dos objetivos elencados na missão da FASE. Mas, como reinserir adolescentes que nunca estiveram inseridos socialmente?

As adolescentes apreendidas estão privadas de liberdade, mas não cerceadas de seus direitos. Direitos muitas vezes garantidos com a sua própria privação de liberdade. As adolescentes/jovens adultas, muitas vezes, realizam o primeiro atendimento médico, de dentista, de psicologia dentro da instituição. Na liberdade, muitas vezes, não se tem acesso a uma alimentação digna. Privada de sua liberdade se alimenta seis vezes ao dia. Na rua não tem moradia segura. Não repousa com a segurança de que ninguém vai colocar o pé em sua porta. Na FASE

descansa, principalmente após o fechar do cadeado, tranquilamente em segurança. A porta aberta ainda causa insegurança. Brincam, jogam bola, jogam cartas, pintam, desenham como se estivessem tentando resgatar uma infância perdida, presa em um passado que muitas vezes nem existiu.

A maioria das adolescentes/jovens adultas já estavam privadas de sua liberdade quando estavam na própria liberdade. Não saem de seus “becos”, de seus bairros, de suas paradas. Prometidas (termo utilizado para o jurada de morte) por outras facções, são proibidas de circularem em determinados bairros. Usam roupas de marcas, considerado a forma de ascensão social, com o seu melhor tênis que nunca pisarão em espaços como teatro, cinema, parques, praias, shopping, restaurantes, bares, danceterias. Não porque não querem, mas em virtude de muitas vezes, nem reconhecerem como espaços que podem ser seus de direito e assim frequentados. Esse querer não é uma possibilidade. Quando não é a sua ou a outra facção (os contra, termo utilizado para facções rivais) que não permite a apropriação do seu território (cidade) é a própria sociedade que não reconhece essas adolescentes como parte dela.

Estar privado de liberdade no sistema socioeducativo ou no sistema carcerário é pertencer a um sistema da sociedade que finalmente acolhe o adolescente e que periga ter um tamanho pertencimento, uma institucionalização, que reforça o espaço institucional como o espaço de direito dessas adolescentes: hoje no sistema socioeducativo, amanhã no penitenciário. Conforme Bitencourt, “não há como fugir do sistema. O recluso encontra-se não só fisicamente encerrado, impedido de sair, como também se encontra preso a um contexto de comportamento e usos sociais dos quais não pode fugir”. (BITENCOURT, 2011, p. 175). Se de um lado proporciona a garantia de direitos fundamentais, por outro segue privando do que é mais importante, precioso, para um viver em sociedade: a própria liberdade.

Conforme o ECA, quando verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar aos adolescentes (12 anos aos 18 anos incompletos) as seguintes medidas socioeducativas: advertência, que consiste em admoestação verbal registrada em termo e assinada; da obrigação de reparar o dano, se tratando de ato infracional com reflexos patrimoniais, é possível que o adolescente promova o ressarcimento do dano ou que de outra forma, compense o prejuízo da vítima; prestação de serviços à comunidade, que consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos; liberdade assistida consiste no acompanhamento do caso por um orientador designado pela autoridade que supervisiona a frequência escolar, orienta a família inserindo-os, quando necessário, em programa de assistência social e orienta em relação a profissionalização da adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho; semiliberdade é uma medida restritiva de liberdade como forma de transição para o meio aberto, nessa medida as adolescentes desempenham suas atividades em meio externo; internação em estabelecimento educacional constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Exceto as duas últimas medidas socioeducativas as demais se caracterizam pela oportunização ao adolescente ao cumprimento no meio social, sendo denominadas comumente de medidas de meio aberto. As duas últimas Medidas são executadas pela FASE (ECA, 1990). Para o cumprimento da medida socioeducativa considera-se a idade daquela que comete o ato infracional na data do fato. O tempo de internação máximo é de 3 anos, portanto a adolescente que comete ato infracional beirando seus 18 anos poderá ficar em estabelecimento educacional até seus 21 anos, ou seja, excepcionalmente, o ato infracional é aplicado em jovens adultos.

O CASEF é o único Centro Socioeducativo Feminino do Estado do Rio Grande do Sul e recebe adolescentes/jovens entre 12 e 21 anos incompletos

oriundas dos 10 juizados da Infância e Juventude que tenham cometido ato infracional ou com suspeita. Tem como sítio o bairro Vila Cruzeiro em Porto Alegre, onde compartilha com mais três Centros Socioeducativos o Complexo Vila Cruzeiro da FASE. É no mesmo terreno que se encontra a casa destinada ao cumprimento da medida socioeducativa de semiliberdade.

O CASEF está estruturado em dois andares sendo organizado em área administrativa, enfermaria, grupos separados por medida socioeducativa (área de lazer e dormitórios), pátio, salas de oficinas, almoxarifado, rouparia, lavanderia e biblioteca. A equipe de saúde é composta por um clínico geral, um psiquiatra, um dentista, uma psicóloga, uma enfermeira e técnicas de enfermagem. A equipe técnica é composta por uma pedagoga, duas assistentes sociais e uma advogada. A maior parte do quadro de trabalhadoras é composta por Agentes socioeducadoras que auxiliam, acompanham e participam da realização de todas as atividades da vida diária das adolescentes.

3.2 Projeto Meu Querer: Uma nova Proposta de se fazer (Socio)educação

O Projeto Meu Querer surgiu em fevereiro de 2021, em plena Pandemia da COVID-19, momento em que o Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (CASEF) teve uma diminuição do número de adolescentes e, especialmente, do quadro de trabalhadores. Os funcionários com alguma comorbidade e com idades superiores a 60 anos foram dispensados, compulsoriamente, para permanecerem em casa com intuito de se protegerem por integrarem grupo considerado de risco. Cabe registrar que, embora as unidades socioeducativas tenham funcionado de forma ininterrupta durante a Pandemia, não houve priorização no calendário vacinal. Os trabalhadores foram vacinados por idade ou por estarem em grupos prioritários de risco, quando com alguma comorbidade.

A população privada de liberdade possui uma invisibilidade social, conceito aplicado nas Ciências Sociais, referente às pessoas que se encontram invisíveis, não porque querem, tal como um super herói que tem o poder de ficar invisível. Estão invisíveis porque as pessoas não querem vê-las, não é uma escolha delas, é um poder dos outros que as fazem desaparecer. “Ser invisível significa, por óbvio, não ser visto, mesmo estando presente no ambiente em questão, ser invisível é não fazer parte do todo, mesmo que se queira participar.” (UHLEIN, s/d). A população privada de liberdade seja no sistema prisional seja no sistema socioeducativo está à margem da sociedade, ninguém quer ver, mas eles/elas estão lá fazendo parte do todo, da sociedade, você queira ou não. Se as adolescentes não são vistas, o conjunto de trabalhadoras também não os são.

A Pandemia trouxe como possibilidade, para as Agentes Socioeducadoras (ASES), a oportunidade de repensarem o seu fazer. Se antes duas ASES cuidavam de um grupo de vinte adolescentes, elas passaram a cuidar de cinco adolescentes. Se deparar com o “vazio” possibilitou a produção criativa de outros afazeres sejam profissionais sejam pessoais. O Projeto Meu Querer surge durante esse “vazio” em que a pesquisadora, ao ter durante a Pandemia, o próprio trabalho como espaço social, teve um *insight* ao se questionar, por curiosidade, mas também por acreditar em uma educação mais revolucionária, o que as adolescentes diriam se tivessem um espaço para falarem sobre os seus querereres, suas vontades, seus desejos. Com o apoio da gestão, em especial da chefe de equipe de plantão, em março do mesmo ano iniciou-se o Projeto com as adolescentes.

O Projeto Meu Querer é uma proposta de espaço de aprendizagem em que é oportunizada a descoberta do que a adolescente/jovem quer aprender, desenvolver, fazer no tempo disponível para o encontro. O Projeto é dividido em três momentos: No primeiro momento ocorre a apresentação do projeto Meu Querer e a pactuação das regras de como serão conduzidos os encontros. O contrato entre as partes (firmado verbalmente) é que o espaço do encontro será realizado a partir da

cumplicidade entre as partes e que as falas ali discorridas terão seu sigilo garantido, desde que, o que for dito não seja uma ameaça a vida e a segurança da Unidade Socioeducativa. O Projeto Meu Querer surgiu em período em que ainda havia mais rigidez no controle comportamental das adolescentes. Se antes não poderiam falar gírias e os ditos palavrões, nos encontros ocorria uma maior liberdade, um falar mais livre, sem as amarras institucionais. Dessa forma era possível garantir as autenticidades e expansão das subjetividades tanto da mediadora, que também é refém de um comportamento esperado institucionalmente, como para a socioeducanda. No segundo momento a mediadora/facilitadora inicia uma conversa, sem roteiro estabelecido, sem caráter de interrogatório, nem de questionários. Para o “bate papo” é utilizado como temas disparadores questões como: O que gostaria de aprender; o que avalio que preciso melhorar em mim; marcas de aprendizados na infância; quem eu mais admiro. Cada socioeducanda traz questões diferentes o que faz com que cada conversa seja peculiar, única. As adolescentes/jovens carecem de espaços de escuta e de fala. E esses encontros acabam sendo bem longos. Algumas socioeducandas falam mais sobre a sua infância, outras do momento atual, a própria adolescência, quase todas falam sobre o seu ato infracional e contam histórias de suas famílias. Como instrumentos de acesso são realizados exercícios da fala e/ou prática de desenho livre, o qual pode ser com uso de massa de modelar como catalisador do despertar sobre si.

A mediadora/facilitadora não está ali apenas como ouvinte, mas é alguém que troca, que dialoga, que fala. Não apenas sobre a outra, mas sobre si, sobre a sua vida (respeitando os sigilos de segurança). Os encontros se estreitam de tal forma que a interação fica mais horizontal possível e ocorre a liberdade de realizar perguntas ou de fazer falas de forma confortável. A mediadora/facilitadora precisa estar “entregue” ao encontro. Estar disponível e disposta a criar uma conexão e para isso precisa ter disponibilidade afetiva. A socioeducanda precisa sentir que está conversando com alguém “real”, não com uma personal ou alguém

institucionalizada. A conversa precisa fluir e no encontro a socioeducanda vai percebendo que a mediadora/facilitadora é alguém que vive, que assim como ela tem histórias e acima de tudo comete erros. Alguns querereres podem ter sintonia com o que a facilitadora/mediadora tenha propriedade de sabedoria. Mas, não é regra e nem condição para a realização. Afinal, a mediadora/facilitadora não é uma oficinaira, uma professora, e sim alguém que estimula e dá condições para que o *Querer* ocorra. Como ferramentas para a realização dos *quereres* é utilizado os recursos tecnológicos e digitais e parcerias com instituições públicas e privadas que doam recursos, tempo e compartilham saberes com as socioeducandas. A própria comunidade também participa, a cada momento que vai tendo conhecimento do Projeto, tecendo a rede de voluntários, doadores e parceiros.

No terceiro momento é possível desenhar, escrever ou simplesmente falar sobre o que gostaria de aprender, fazer, desenvolver e mudar em si. Dentre os *Querereres*, a socioeducanda acaba dizendo aquele (ou aqueles) que mais se sobressai, ou aquele que mais tem interesse nesse momento. O que gostaria de mudar em si fica registrado para que a mediadora possa trabalhar com o querer aprender com o querer mudar ao longo dos encontros.

Após esses três momentos inicia-se o desenvolver do que *Querer* desejado. Cada socioeducanda tem um itinerário formativo único, trilhado por ela mesma. A protagonista do aprendizado é a própria socioeducanda que tem autonomia para desenvolver sua atividade no seu ritmo, no seu tempo. Os encontros são individualizados, semanais, de caráter não obrigatório e são ofertados a todas as adolescentes sejam as que já estão cumprindo medida socioeducativa sejam as que estão em internação provisória. O Projeto Meu Querer também se estendeu à medida da Semiliberdade, muito pela proximidade de infraestrutura como também de local de transição dos trabalhadores. Afinal, o quadro de funcionário do CASEF e da Semiliberdade é o mesmo.

Os quereres podem ir se modificando na medida em que as adolescentes vão se experimentando. Os encontros ocorreram na sala de audiência, que durante a pandemia foram essencialmente virtuais, o que acarretou em uma reorganização de espaço institucional. Realizar os encontros em uma sala em que o “bater do martelo” decidirá sobre a vida das adolescentes foi um estímulo para se pensar sobre o empoderamento feminino, desenvolvimento de autonomia e a construção de projetos de vida.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritivo, no qual foi realizada uma narrativa mesclando autobiografia, com análise documental, literária e narrativas de histórias de vidas sob a ótica da pesquisadora, experimentadas/vividas nos encontros do Projeto *Meu Querer* realizado no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino do Estado do Rio Grande do Sul (CASEF). A abordagem qualitativa é adequada para esta pesquisa pois, conforme Silveira & Cordova, há uma preocupação tanto com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, no caso desta pesquisa, as socioeducandas, adolescentes/jovens privadas de liberdade, quanto com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados. A pesquisa do tipo descritivo, conforme Triviños (1987) pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade, nesta pesquisa a partir do empoderamento feminino, autonomia e desenvolvimento de projetos de vida.

Como fontes de evidências e produção de dados para essa pesquisa foram utilizados dados secundários de fontes documentais que tratam sobre o Projeto *Meu Querer* (acervo CASEF). Destacam-se as publicações e entrevistas em sites, notícias e rádios, dentre outros. Também, foi realizada a observação participante que conforme Becker (1993), o mais adequado para esse caso, é o do “observador participante em caráter integral” que corresponde a quando o pesquisador vivencia e experimenta todo o processo a ser estudado. Afinal, a pesquisadora é a idealizadora do projeto e quem fazia o acompanhamento direto com as adolescentes participantes do Projeto *Meu Querer*. É importante registrar que desde o início do Projeto a pesquisadora narra, conta, se expressa em diário de campo. Para Minayo (1993) o diário de campo é caracterizado por registrar observações sobre conversas informais, comportamentos, gestos, expressões e etc. Também foi

usado para que a pesquisadora pudesse imprimir suas próprias reflexões, não apenas narrando os acontecimentos mas contando como eles lhe atravessam e a impactam.

A análise de dados foi descritiva e dividida em três partes: a primeira sobre o empoderamento feminino; a segunda sobre o desenvolvimento de autonomia, e a terceira, sobre a construção de projetos de vida.

Olha quem tá aqui! As gurias do CASEF!

Olha quem tá aqui! As gurias do CASEF!

Querendo melhorar deixa Porto mais Alegre. Sem se distrair, as gurias do CASEF.

Prestando atenção sem trocar gato por lebre.

Nossa rotina mudou quando a COVID chegou trazendo sofrimento para a população.

Só de pensar dói o coração imaginando o nosso Natal sem aglomeração.

Mas, com fé, esperança e paciência... logo vem a liberdade.

Resgatando a nossa essência compartilhando amor e paz na comunidade.

Olha quem tá aqui! As gurias do CASEF!

Música escrita pelas socioeducandas durante a Pandemia de COVID19, no ano de, 2020.

5 ABRINDO CADEADOS PARA UMA VIDA COM MAIS LIBERDADE E OPORTUNIDADE

Um grande filósofo, considerado o mais sábio dos atenienses, Sócrates, teria dito, certa feita, “só sei que nada sei”. Conforme Cortella (2019), filósofo contemporâneo, essa frase fomenta o pensamento de que não há nada que se saiba por inteiro, que não há nada que se saiba por completo. Que não tem nada que eu saiba que somente eu saiba e que não haja outra pessoa que saiba. “Só sei que nada eu sei” que um dia não se possa saber. Assume-se, portanto, a importância dada ao pensamento crítico, à incerteza e à tomada de consciência da própria ignorância. Há três caminhos para o fracasso: não ensinar o que se sabe, não praticar o que se ensina e não perguntar o que se ignora (BETA, 2011). Invertendo para três caminhos de sucesso, o Projeto Meu Querer atua na lógica de ensinar o que se sabe (transbordando o saber que é seu para o outro, correspondendo a generosidade mental); de praticar o que se ensina, o que se fala, correspondendo a uma coerência ética; e abre espaço para se perguntar aquilo que se ignora, correspondendo a uma humildade intelectual (CORTELLA, 2019). Essa trilha virtuosa que o Projeto Meu Querer tem seguido tem aberto muitos cadeados para uma vida com mais liberdade e oportunidade.

5.1 Empoderamento Feminino: Ninguém empodera ninguém!

O Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (CASEF) é o único Centro Feminino do Rio Grande do Sul e, em face disso, apresenta peculiaridades relacionadas ao gênero feminino: são mulheres que possuem ciclos menstruais (e homens com úteros que possuem ciclo menstrual, visto que o CASEF também recebe pessoas transgêneras, se faz necessários essa diferenciação dos corpos), e que muitas vezes já gestaram e/ou tem filhos. Menstruam, usam absorventes, podem ter tensões pré-menstruais (TPM), podem fazer uso de pílulas anticoncepcionais, usam rabricós (já que muitas têm cabelos longos), usam cremes capilares, esmaltes nas unhas, podem depilar pernas, axilas e virilha. Engravidam,

gestam suas filhas, amamentam, parim. São jovens, na maioria negras e com poder econômico desfavorável. Mesmo perfil das que mais sofrem violência no Brasil (UFMG, 2021).

Conforme o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, um terço das mulheres brasileiras já sofreu algum episódio de violência física ou sexual pelo menos uma vez na vida (BRASIL, 2022). Considerando que há 5 tipos de violências contra as mulheres (física, sexual, moral, psicológica, patrimonial) esse número pode e deve ser muito maior. A Lei Maria da Penha é um marco importante para a luta das mulheres em defesa da vida e é o principal instrumento jurídico brasileiro de combate à violência doméstica. Sem dúvida tivemos avanços inquestionáveis na prevenção e combate à violência de gênero, na proteção das vítimas e na punição dos autores (BRASIL, 2006).

Sexo se você não quer é estupro. Se você está inconsciente, é estupro. Ninguém pode tocar em seu corpo sem a sua permissão. Tocar em seu corpo sem seu consentimento, não é carinho, é abuso. Te trancar em casa não é lhe proteger. Forçar a não usar métodos contraceptivos não é cuidado. As palavras também são formas de agressão. Muitas adolescentes e jovens adultas somente conseguem perceber que sofreram violências estando privadas de liberdade e uma das formas que serviu como dispositivo para perceber isso foi o Projeto Meu Querer.

Dois Agentes Socioeducadores (ASES) conduziram o Projeto ao longo de sua realização: uma mulher e um homem. O fato do CASEF ser uma Unidade Feminina e ter uma mulher na condução do Projeto, reforça o que chamamos de representatividade, que é a expressão dos interesses de um grupo na figura da representante. Os adultos acabam se tornando modelos de vida, referências das potências da vida para as adolescentes.

O produto do Projeto Meu Querer não são somente as produções palpáveis (quadros, origamis, composição de música, coreografias de dança, desenhos, etc), mas, também como elas saem de lá (mais empoderadas, donas de si, com mais autonomia). Portanto, o que se mais produz nos encontros são conversas e reflexões que conectam a ASE e a socioeducanda para uma nova forma de ver, agir e sentir a vida. Os assuntos mais íntimos, geralmente, elas se sentem mais confortáveis de partilhar com alguém de seu mesmo gênero, alguém que assim como elas também pode ter tido as mesmas experiências, os mesmos sofrimentos,

os mesmos medos, os mesmos sustos, as mesmas angústias, e porque não, as mesmas alegrias.

A figura do mediador homem tem a sua importância em quebrar um paradigma de que todo homem é abusador, de que todo homem que se aproxima quer se aproveitar de seu corpo, sua fala, seu dinheiro, suas ações. Os dois mediadores realizam estudos de casos das adolescentes para que juntos possam trabalhar melhores formas de estimular o exercício de autonomia e o desenvolvimento de vida de cada jovem (JUNGES, 2022).

Ter dois mediadores de gêneros diferentes colaborou para o empoderamento das adolescentes e jovens adultas. Ninguém empodera ninguém, mas o que é dito, realizado, serve como dispositivo para um novo pensar, agir e viver. Entende-se por empoderamento o sentido dado por Paulo Freire e sistematizado por Alves ao dizer que empoderadas são:

[...] sujeitos sociais e emancipadas capazes de perceberem, refletirem e interpretarem sua realidade social no sentido de, individual e/ou coletivamente, produzirem mudanças significativas para a construção de uma sociedade mais humana e democrática (ALVES; OLIVEIRA, 2020, p. 3).

Implica conquista, avanço e superação por parte do sujeito ativo, aquele que se empodera, e não uma doação ou transferência que transforma o sujeito em objeto passivo (SCHIAVO e MOREIRA, 2005). Empoderada é aquela que percebe que a mudança que quer ver no mundo começa com a mudança que ocorre nela mesma.

Do contingente de adolescentes que participaram do Projeto Meu Querer, 100% delas, em algum momento trouxeram o feminismo, menos em seu conceito e mais na sua simbologia, como elemento de debate nos encontros. Entende-se que a bandeira de luta do movimento feminista é compreendido como um movimento político e teórico que tem por objetivo a mudança social e compreende que sexismo, opressão de classes, identidade de gênero e racismo estão ligados (RIBEIRO, 2018). Uma das adolescentes participantes do Projeto Meu Querer retratou em tela as bandeiras de luta do Movimento Feminista, que serve de amostragem para se pensar como o empoderamento feminino foi sendo trabalhado durante o projeto.

As obras da adolescente foram apresentadas em diversos lugares (Porto Alegre, Câmara Municipal de Vereadores, Canoas, Prefeitura Municipal, e na cidade de Ijuí, Museu Antropológico Diretor Pestana), com exposição intitulada “Para além das telas: pintando uma nova vida sem violência contra as mulheres”. O nome da exposição foi criada durante os “16 Dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres” realizado em Canoas, que é uma mobilização mundial que ocorre em mais de 160 países, sendo realizada no Brasil desde 2003. Foi em Canoas que a adolescente expôs seus quadros e a pesquisadora realizou uma palestra sobre violência de gênero de adolescentes e jovens adultas do Sistema Socioeducativo. O nome da exposição reforça a possibilidade de se reinventar, de encontrar novos espaços para viver (reconhecer as violências muitas vezes veladas) e de colocar limites, não somente para que as violências não cheguem às mulheres, mas também que quando, e se chegarem, estas saibam como denunciar. Abaixo a primeira obra produzida pela socioeducanda.

Figura 1 - Obra Lugar de mulher é onde ela quiser



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

Abaixo da obra consta a seguinte descrição:

No quadro é representado o símbolo do feminino (símbolo astrológico do planeta Vênus) e um punho no meio representando a luta pelos direitos das mulheres. Ao fundo estão as cores do arco-íris representando a diversidade de gênero. A frase foi escolhida por ter como significado para a artista a possibilidade de “Ganhar o mundo, sendo independente, livre. Não há lugar em que não possamos estar” (SIC adolescente). A cor da unha escolhida foi a azul, pois depois de meses sem ver o filho, esse estava com roupa dessa cor.

“Sente-se como uma menina”, “se comporte como uma dama”, “feche as pernas, sente direito”, “Já sabe cozinhar? Pode casar”. O que se ensina nos livros infantis, na escola, dentro das famílias, nas ruas, reflete como será a sociedade futura, como serão as mulheres e sobretudo como serão tratadas. O que é dito, escrito, realizado, muitas vezes, autoriza o outro a seguir fazendo. “Bato porque todo mundo bate”. “Eu limpo a casa e cuido das crianças porque todas as mulheres fazem”. As mulheres que hoje estão adolescentes, e tantas outras gerações, cresceram com papéis sociais distorcidos dos lugares que podem ou não ocupar. “Lugar de mulher é onde ela quiser” reforça que os lugares que se ocupa não tem relação com o sexo, com gênero, daquele ou daquela que ali está. O quadro pintado pela adolescente é um manifesto de que ela pode ocupar lugares descobertos ou que ainda possa vir a descobrir. Os papéis de gênero são totalmente absurdos e não devem ser reforçados, não se deve dizer para fazer algo ou deixar de fazer baseado no gênero. Não se deve dizer “faça assim, porque você é uma menina”.

Adiche (2022, p. 32) em seu livro *Para Educar Crianças Feministas*, corrobora com o pensamento sobre “porque você é menina nunca é razão para nada. Jamais”:

Lembro que me diziam quando era criança para ‘varrer direito, como uma menina’. O que significa que varrer tinha a ver com ser mulher. Eu preferia que tivessem dito apenas para ‘varrer direito, pois assim vai limpar melhor o chão’. E preferia que tivessem dito a mesma coisa para os meus irmãos

As expectativas que a sociedade coloca sobre meninos e meninas desde a infância já é violentadora. Meninos usam azul. Meninas usam rosa. Bonecas são brinquedos de meninas. Carros, são brinquedos de meninos. Se isso fosse um ensaio da vida adulta, o recado seria: mulheres cuidam dos filhos. Homens dirigem

os carros. Meninas brincam de casinha e sonham com o Ken e meninos jogam bola e não choram com o joelho ralado. É ensinado às meninas a desejar o casamento de forma incompatível com o que é ensinado aos meninos. As meninas são ensinadas a sonharem com o casamento, já os meninos com o sonho da profissão, sem poder chorar quando estão em sofrimento. As diferenciações no modo como meninos e meninas crescem não são naturais, mas sim, produções sociais e históricas construídas a partir de padrões normativos do que é ser homem e mulher. Por se tratar de um padrão construído, ele pode e deve ser revertido, como afirma Viviana Santiago, gerente de gênero da Plan International Brasil, 2018:

A nossa sociedade diferenciou mulheres e homens em uma prática social e, em seguida, atribuiu maior valor às características masculinas. E quando você tem dentro de uma diferença uma atribuição de maior e menor valor, gera-se a desigualdade. O conceito de gênero vem para nos ajudar a entender que essa desigualdade, ou seja, os homens estarem em posições superiores na sociedade, terem melhores salários, posições de liderança, tudo isso que a gente considera natural por ser homem, é social, é construído. Para que a gente equilibre essa balança isso precisa ser desconstruído, porque se foi aprendido dessa forma pode ser aprendido de outra que possibilite às mulheres desenvolverem seu pleno potencial e acessarem às oportunidades da mesma maneira que os homens.

Compactuando com a busca pela igualdade de gênero, a Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2015, em conjunto com seus 193 países membros, estabeleceu os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), plano global criado para erradicar a pobreza e promover vida digna a todos e a todas, dentro das condições que o nosso planeta oferece e sem comprometer a qualidade de vida das gerações futuras. Os objetivos e metas criadas possuem o propósito de serem realizados até 2030. O quinto objetivo dos ODS é o “Igualdade de Gênero” que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (PNUD, 2015).

O Projeto Meu Querer colabora com a busca da realização deste objetivo uma vez que as adolescentes e jovens mulheres são provocadas a pensarem sobre seus corpos, sobre o direito das mulheres e sobre a igualdade de gênero. Segue abaixo uma obra que retrata o que foi abordado com as adolescentes e jovens

adultas durante a realização do projeto para que todas pudessem refletir sobre a igualdade de gênero:

Figura 2 - As gurias usam as cores que quiserem e os guris também!



Fonte: Foto: Alisson Moura, Prefeitura de Canoas

O CASEF sendo o único centro feminino do Estado tem a obrigação de abordar questões que colaboram com a concretização da Agenda 2030, principalmente dentre as questões que envolvem o Direito das Mulheres. O quadro acima, assim como todas as obras das adolescentes que retratam em tela as bandeira de luta do movimento feminista, foram expostas nas dependências do CASEF e se tornaram dispositivos de debate entre as funcionárias e adolescentes. Percebe-se que o *querer* de uma adolescente reverbera nas demais. O que uma aprende ensina para a outra. Dessa forma vai se construindo uma teia de aprendizados que cada adolescente, jovem adulta, leva consigo quando recebe a liberdade.

As adolescentes e jovens adultas foram provocadas não somente durante o projeto Meu Querer, mas também durante toda a internação, a pensarem sobre os lugares que ocupam por serem mulheres. As Obras supracitadas, são representações do que foi abordado com todas as adolescentes durante o projeto e objetificado na arte.

5.2 Desenvolvimento de autonomia: para uma vida com mais liberdade e objetivos!

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém.
Paulo Freire

A Agente Socioeducadora (ASE) é uma autoridade dentro da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE). Ela é a figura representativa do Estado e a principal responsável pelo êxito da rotina das adolescentes. As adolescentes ao ingressarem na Unidade recebem um Manual da Socioeducanda com regras coletivas de convivência e com normas disciplinares, caso venha a não cumpri-las. O Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (CASEF) é como tantas outras instituições, tal como a família e a escola por exemplo, composta por diversas regras que tentam garantir a boa convivência e a execução das Medidas Socioeducativas das adolescentes e jovens adultas. Viver em sociedade tem regras e consequências para quem não as cumpre também.

O Projeto Meu Querer, embora ocorresse dentro do espaço institucional, também tinha algumas regras alteradas: se permitia um vocabulário mais livre e as falas ali discorridas tinham seu sigilo garantido, desde que, o que fosse dito não fosse uma ameaça a vida e a segurança da Unidade Socioeducativa. Era uma tentativa de estimular as autenticidades de quem ali estava: socioeducanda e ASE. Durante os encontros é essencial que a ASE fale não a linguagem da adolescente, mas primordialmente que fale de forma que ela entenda o que está sendo dito. O vocabulário das socioeducandas, assim como de qualquer outra adolescente, contém muitas gírias de sua geração e de sua regionalidade, afinal o CASEF é o único Centro Socioeducativo do Rio Grande do Sul, estado tão diverso culturalmente. Além disso, muito do vocabulário das socioeducandas contém palavras únicas da vida do crime, afinal a “vida loka” também tem seu vocabulário. O vocabulário utilizado tem que ser aquele que é compreendido, e o que não é entendido deve ser explicado por ambas as partes. Assim se começa o desenvolvimento da autonomia.

Para que as socioeducandas consigam desenvolver a sua autonomia, é preciso que elas, primeiro, se reconheçam. E isso envolve assumir a sua identidade

cultural, social e histórica (Freire, 1996). Quando se estabelece uma conversa horizontal em que a liberdade de se expressar, perguntando, respondendo, falando, questionando se dá, vai se construindo uma intimidade que permite o reconhecimento das histórias uma das outras. É preciso reconhecer que todas carregam uma bagagem de história de vida e que não partem do ponto que ali chegam. O que cada uma sabe, seu conhecimento e saberes devem ser valorizados e o primeiro passo é a apropriação de sua própria história, do seu próprio eu.

Todas as adolescentes contam histórias, fragmentos que fazem parte do que elas são agora. A ASE também conta fragmentos de sua história e as trocas ali realizadas potencializam novas descobertas e aprendizados a partir da história da outra. Independentemente do *querer* escolhido, as adolescentes vão desenvolvendo sua autonomia de vida e o estímulo da ASE é fundamental para que isso ocorra.

Embora seja o *querer* da socioeducanda o fio condutor dos encontros do Projeto Meu Querer, os aprendizados são compartilhados com a ASE e reverberados para o conjunto de trabalhadores, famílias e demais socioeducandas. O compartilhar o que aprendeu reforça a própria autonomia da socioeducanda. A ASE aprende com os quereres das socioeducandas, há um aprender coletivo que compartilham, no qual muitas vezes, o papel de mediadora passa a ser da própria socioeducanda, que ensina a ASE a trançar um cabelo, a falar inglês, a tocar teclado e violão, a fazer origami, a pintar, dançar, meditar e muitas vezes a não fazer nada.

Para Paulo Freire (1996) um sujeito autônomo é aquele que no âmbito de sua liberdade age de acordo com o que acredita ser correto, com seu desejo e interesse. O limite é quando encontra a autonomia de outras pessoas. “Etimologicamente autonomia é a condição de uma pessoa ou de uma coletividade cultural, que determina ela mesma a lei à qual se submete” (LALANDE, 1999, p. 115).

Ter autonomia é também, inclusive, não realizar o que é esperado socialmente, quando assim se pode escolher, pois na maioria das vezes a autonomia é negada em virtude de condições sociais desfavoráveis como a pobreza, miséria e favelamento, como aponta Zatti (2007, p. 09):

Em geral a pobreza econômica condiciona a uma situação de pobreza cultural, o que dificulta e limita o exercício autônomo da cidadania, pois,

privados de boa formação, não conseguem estabelecer-se como sujeitos no contexto social por não terem condições iguais de intercomunicação e não terem condições iguais para disputar as oportunidades, inclusive de emprego.

O Projeto Meu Querer estimula as socioeducandas a conhecerem suas realidades e a pensarem por conta própria, discutindo criticamente os assuntos que envolvem, inclusive, seu cotidiano. Muitas nasceram, cresceram e desenvolveram sua pseudo autonomia no seio da violência. Pseudo autonomia porque a utilizam, muitas vezes, sem terem tido a oportunidade de um direcionamento para uma vida saudável. Roubar, traficar, matar, nem sempre são escolhas e não as tornam mais autônomas e donas de si. Há um respeito pela vida do outro quando cada uma se apropria de si, respeitando a autonomia do outro.

As socioeducandas quando possuem a oportunidade de construir seus itinerários formativos passam a serem sujeitos ativos e não meramente passivos. Não se aprende o que o outro quer ensinar, mas sobretudo o que se quer aprender, o que pulsa de desejo, de querer.

A ASE deve estimular a autonomia das socioeducandas dando espaço inclusive para que erros aconteçam. Uma criança quando está desenvolvendo sua independência, sua autonomia em se vestir, por exemplo, muitas vezes, não consegue colocar o seu próprio sapato. Se frustra. Chora. Tenta desistir. E com o estímulo de seus educadores tenta de novo. Muitas vezes coloca os sapatos virados e sai caminhando com os dedos apertados, mas com a confiança de quem conseguiu realizar uma tarefa sozinha. A dor faz tirar os sapatos e os educadores estimulam a repetição do processo até que a criança seja dona de seus próprios passos. Por óbvio que se pode pedir ajuda, mas não deixar o outro tentar e, por vezes errar, não é ajudar, é subestimar a capacidade do outro de fazer o certo e assim aprender.

Conforme a autora desta pesquisa, idealizadora e mediadora do Projeto Meu Querer, “A grande sacada do projeto é a menina ter mais autonomia. É ela sair daqui capaz de buscar seus próprios desejos, sabendo que tem ferramentas para buscar o que ela quer para a vida dela” (Jornal do Comércio, 2021). A cada encontro a mediadora vai instigando a socioeducanda a construir seus próprios pensamentos, trazendo elementos e fazendo com que a jovem se explore, tendo

que se posicionar, escolher, tentar ter uma postura mais firme, com mais autonomia.

5.3 Construção de Projetos de Vida

O Projeto Meu Querer possibilita que cada adolescente e jovem adulta (re)conheça suas potencialidades, pense sobre o caminho que já percorreu (conhecendo a sua própria história) e retome sonhos, modelados pela nova realidade. No primeiro momento do Projeto Meu Querer ocorre uma conversa entre a mediadora e a socioeducanda para a pactuação do contrato firmado verbalmente em relação às regras de escolha de querereres e sigilos. Posteriormente a mediadora e socioeducanda iniciam uma apresentação sobre quem são: como se vêem; como se percebem; o que gostam em si; o que não gostam; o que pensam que devem melhorar; no que acreditam serem boas no que fazem; o que gostam de fazer; quem são as pessoas por quem tem admiração; o que elas fazem que você admira; o que gostariam de aprender e etc. Esses são alguns dos dispositivos utilizados para o bate papo que ali ocorre. Ambas podem utilizar como catalisadores massa de modelar, papel e hidrocores.

A construção da identidade é social e acontece durante toda vida das pessoas. A trajetória, os caminhos pelos quais cada uma percorre, construirá não só a sua identidade, como a sua inteligência, suas emoções, seus medos, sua personalidade, etc. O autoconhecimento é uma parte importante para a construção do projeto de vida e durante o projeto cada socioeducanda é provocada a contar sua história, a falar de si, entendendo seus tropeços, acolhendo suas fragilidades, tendo crítica sobre sua postura. Larrosa (1995, p.192) aponta

(...) não sejamos outra coisa que não um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós. [...] Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude numa história? E, para essa transformação, para esse alívio, acaso contamos com outra coisa a não ser os restos desordenados das histórias recebidas? E isso a que chamamos autoconsciência ou identidade pessoal,

isso que ao que parece tem uma forma essencialmente narrativa [segundo Ricoeur] não será talvez a forma sempre provisória e a ponto de desmoronar que damos ao trabalho infinito de distrair, de consolar ou de acalmar com histórias pessoais aquilo que nos inquieta?

A mediadora fica atenta a contação de história de cada socioeducanda, afinal a imagem que ela tem de si, quando negativa, pode ser transformada. O que ela conta serve de elementos fundamentais que são trabalhados durante o projeto. Se a adolescente tem dificuldades de se posicionar, o exercício, transversal, durante os todos os encontros é que a socioeducanda possa se expressar, aprendendo a dizer não a partir das colocações da mediadora. O que cada uma conta pode ser verdade ou ficção. De qualquer forma, servem de elementos para a auto análise, como aponta Ricoeur (1985, p. 213):

Nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmos, uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena a diferença se 13 essas histórias são verdadeiras ou falsas – tanto a ficção como a história verificável, nos provêm de uma identidade.

A história de vida não é contada em um único encontro, são fragmentos contados ao longo dos encontros (que ocorrem de forma individualizadas, uma vez por semana, durante o tempo que perdurar a medida socioeducativa). As socioeducandas são provocadas a pensarem sobre qual lugar cada uma ocupa no mundo. Qual o seu propósito? Por óbvio que ele pode modificar ao longo do tempo, mas na trajetória de cada uma deixam pistas daquilo que se pode fazer melhor e para o bem. A falta de oportunidade de se olhar, de olhar o outro com empatia, freia de forma exagerada a construção de sonhos das adolescentes. Como pensar em propósito de vida quando o maior propósito é sobreviver, ter um prato de arroz e feijão à mesa (carne é luxo) e não ser presa. Por vezes, falta espaço para sonhar. Todavia, quando se tem propósito de vida, ao invés de tirar vidas ou diminuí-las, os propósitos são fontes de produção de projetos de vida.

Um projeto de vida é um plano estratégico que uma pessoa estabelece para alcançar seus objetivos e sonhos. É uma ferramenta importante para quem deseja ter mais clareza sobre o futuro e se preparar para os desafios que virão. É importante lembrar que o projeto de vida deve ser algo individual e personalizado, levando em consideração as necessidades e desejos de cada pessoa.

A exemplo da socioeducanda que pintou os quadros com as bandeiras de luta do movimento feminista: sua história é regada a traços de violência contra as mulheres, contra ela. Foi com pincéis, tintas, telas e com a oportunidade de gritar para o mundo que não seria mais violentada que ela se empoderou, desenvolveu sua autonomia e, dentro de seu projeto de vida, se comprometeu consigo em não se calar mais e ajudar outras mulheres. A socioeducanda, uma sobrevivente do sistema patriarcal que mata meninas e mulheres pelo simples fato de serem mulheres, inspira a continuidade da luta por um lugar mais justo, equânime e sem violência para as mulheres:

Para mim é gratificante fazer algo que eu gosto, conseguir expressar meu sentimento, saber que outras mulheres podem se inspirar e se identificar. Para a adolescente, ter seu trabalho exposto foi um motivo de orgulho. Foi uma honra ver a minha obra ser contemplada por tantas mulheres hoje aqui (Jornal do Comércio, 2021).

Quanto menores são os nossos horizontes e as oportunidades reais que temos, mais limitados são os nossos sonhos. O Projeto Meu Querer buscou ampliar os horizontes de cada adolescente e jovem adulta para que elas possam retomar seus sonhos e a capacidade de sonhar!

6 REFLEXOS E REFLEXÕES REGISTRADOS EM DIÁRIO DE CAMPO: ENCONTRANDO O MEU QUERER

Neste capítulo lhe convido a mergulhar em um mar de escrita livre que fala não somente sobre as narrativas de vida, mas também como elas me atravessaram e mudaram o meu modo de ver e sentir o mundo. Os reflexos e as reflexões aqui apresentadas são resultados de muitas conversas entre a pesquisadora e as socioeducandas e entre a pesquisadora e os colegas e amigos, realizadas durante a execução do Projeto Meu Querer e registradas em diário de campo.

O diário de campo não é um texto completo, mas um material de análise da pesquisa e uma potente ferramenta para a auto-análise da pesquisadora (WEBER,2009). É a partir de fragmentos de textos, fotografias e narrativas pessoais que este capítulo foi construído. Trata-se de uma memória das vivências da pesquisa registrada não somente no diário de campo mas também internalizadas à própria pesquisadora. Cada narrativa de história contada durante o Projeto Meu Querer podem ser pensadas como pedaços de ruínas biográficas (GAGNEBIN, 2004), fragmentos de pedaços de história que na ação reconstrutiva, organizada no sentido da totalidade, não descarta nada, todos os elementos são aproveitados, as falas, o modo que falo, que me expresso, as falas secretas, sem sentido para a ouvinte, e até mesmo os vergonhosos (CERTEAU, 2004).

Há quem diga que são as pequenas ondas, ininterruptas, que derrubam um farol no mar e não uma grande onda. Crises isoladas tendem a ser melhores identificadas, sentidas, vistas. É a grande onda que te assusta, mas que nem sempre te derruba. Já as pequenas ondas, naturalizadas pelo balanço do mar, são suportadas, sem ao menos, serem sentidas, tamanho anestesiamento que as águas quentes do mar trazem. A sucessão delas, das pequenas ondas que representam as micro violências, te derrubam. Elas também te mobilizam a te reformular, reformar e até te deformar. Seguem, na maré abaixo, algumas das ondas que me atingiram.

6.1 A primeira onda: O silêncio assusta!

Não sou carcereira. Não sou policial. Não trabalho na cadeia. Estou Agente Socioeducadora e trabalho em um estabelecimento educacional. O que temos em comum com o sistema penitenciário é que atuamos com a privação de liberdade, eles com as adultas, nós com as adolescentes/jovens adultas. Compartilhamos do mesmo prefixo: Agente, que muito é associado com a tecnologia dura do trabalho com uso de ferramentas como algemas, cadeados, molho de chaves, uso de raquete detectora de metais para as revistas corporais e de ambiente, escrita em livro de registro e contenções físicas. Diferenciamo-nos na continuidade do nome do nosso cargo, eles penitenciários, nós socioeducadores. O estar socioeducadora muito é associado com acolhimento afetivo, vínculo e busca de autonomia dos sujeitos, por meio de um diálogo aberto e uma escuta tão sensível em que há um prestar atenção no que a outra diz, que exige que todas as partes do meu corpo estejam ativas. Todavia, o estar agente e o estar socioeducadora não acontecem de forma paralela e sim interligadas. Não há como desconectar uma da outra.

A agente socioeducadora faz uso de diversas tecnologias que para Merhy (2005) podem ser classificadas como leves, leve-duras e duras. As tecnologias leves são as das relações; as leve-duras são as dos saberes estruturados, tais como as teorias; e as duras são as dos recursos materiais. As tecnologias leve-duras, dos saberes, são construídas todos os dias com o contato com o outro, especialmente entre os colegas. É no encontro, vendo o fazer do outro que aprendemos a nos espelhar e por vezes, repelir. Nem tudo que é visto deve ser replicado. Lá também se aprende a “como não fazer socioeducação”.

Colocar uma algema, que é uma tecnologia dura (um instrumento), pode ser também realizada com o uso da tecnologia leve, conversando com a adolescente, conduzindo suas mãos, para que dentro do possível, fiquem mais confortáveis. Não é para machucar, é para conter. Toda contenção física não é, em hipótese alguma, uma briga. Toda vez que uma adolescente está em agito psicomotor e que se faz necessário a contenção física, esta é feita a partir dos nossos corpos, apaziguando, acolhendo o corpo do outro.

O final da tarde é um marcador institucional. É como se fosse a última aula de um professor matutino que percebe a turma mais eufórica perto do meio-dia, ou

de um professor noturno que escuta o fechar dos estojos e das mochilas em uma sexta-feira à noite após algumas horas de aula. O tique-taque do relógio quando aponta 18 horas é um sinal para nos mantermos em alerta. Nesse horário a Direção e o corpo técnico não se encontram mais na Unidade. E, culturalmente, as notícias não tão boas tendem a ser compartilhadas com as adolescentes nesse horário. Já presenciei adolescentes se automutilando (na tentativa de aliviar seus sofrimentos) e tentando suicídio. Há cenas que sequestram pedaços da nossa humanidade para sempre e são melhores nunca terem sido vistas. Em uma Unidade em que o barulho se faz presente o tempo todo quando se está em silêncio é assustador. Não sabemos lidar com o silêncio. Se está tudo muito quieto é um sintoma de que algo está por vir. O silêncio, assusta!

6.2 Segunda onda: Imagine!

O Projeto Meu Querer surgiu de um vazio institucional e de um *querer* preencher individual da pesquisadora. O projeto Meu Querer foi uma proposta educacional de ouvir os desejos da outra e de construir um itinerário formativo que partisse dos pés daquela que quer caminhar, no seu ritmo, no seu tempo. Ao entrar na sala de audiência, local onde foi possível realizar o Projeto Meu Querer, e compartilhar o tempo, algo cada vez mais escasso, com alguém que quase nunca teve outra pessoa disposta e disponível a lhe ouvir, foi essencial para a construção da relação que ocorria ali, frente a frente. As histórias que ouvi foram as que elas quiseram me contar. Algumas histórias, de tanto que elas repetiram, se tornam histórias em que elas acreditaram que haviam existido, são ficções. Toda história está imersa em ficção, especialmente quando há culpa envolvida.

Imagine que você, uma pessoa adulta funcional, esteja respondendo a um processo judicial. Imaginou? Sem dúvida isso seria ansiogênico para você, não é mesmo? Imagine responder a um processo estando na privação de liberdade. Agora, imagine estar na fase da adolescência respondendo a um processo. Imagine ser alguém que sempre viveu na vulnerabilidade social, sempre na escassez, desprovida, muitas vezes, não só dos direitos básicos como alimentação, moradia,

segurança, educação, mas também de amorosidade. Imagine que o seu padrão de vida, naturalizado e banalizado, seja a violência. Para nos ajudar a imaginar chamo aqui, Foucault (1975, p. 55):

De dois homens que cometeram o mesmo crime, em que proporção é menos culpado aquele que mal tinha o necessário com relação àquele a quem sobrava o supérfluo? De dois perjuros, em que medida é mais criminoso aquele em que se procurou, desde a infância, imprimir sentimentos de honra com relação àquele que, abandonado à natureza, nunca recebeu educação?

Não trago aqui, nesta escrita livre, nenhuma tese sobre vítimas. Não é um filme em que mocinhos e bandidos nascem prontos e cheios de bem ou de mal. Sei que é mais fácil parecer doce e inofensiva quando se está privada de liberdade. As histórias que eu ouvi me fazem compreender muitos dos atos de violência, mesmo que eu nunca tenha compactuado com eles.

Percebo que as mudanças nas socioeducandas são reais quando longe de mim, longe do meu olhar e da minha percepção, especialmente no viver em liberdade, elas agem de modo diferente. Os retornos positivos das adolescentes e jovens adultas que encontraram na liberdade uma oportunidade de finalmente se socializarem (afinal como falar de ressocialização quando elas ainda não fizeram parte da sociedade?) demonstram a mudança que mais se quer ver: nelas e em nós. Ao nos percebermos como também parte integrante da sociedade, sabemos que compactuamos com um viver mais digno ou menos digno.

Toda adolescente que é desligada (encerra o cumprimento de sua medida socioeducativa) pode encontrar três caminhos possíveis, que chamaremos aqui, como aprendi com uma delas, de 3 C's: casa, cadeia, cemitério. Podem ir para casa encontrar sua família ou serem a sua família e construir uma nova; podem ser presas, quando já forem maiores de idade, e encontrarem um fechar de grade que reforça o estigma de que não há mudança naquele que comete algum crime/ato infracional. Podem morrer e, se tiverem sorte, seus corpos chegarão a um cemitério.

6.3 Terceira Onda: Para onde a maré vai nos levar?

As nossas histórias importam. Todas as histórias importam. Não são todas que a gente conta. Não devemos contar todas. Para saberem algo de você, a outra pessoa precisa conquistar esse espaço de confiança. Aos poucos, nutrindo o contato, a outra pessoa vai ganhando o direito de saber algo de mim e eu vou ganhando o direito de saber algo dela. Quando saímos do encontro do Projeto Meu Querer... puff.. as informações e histórias ficam ali, imputadas em nós, aguardando o próximo encontro. Eu sei de um pedaço da história delas que muitas querem esquecer. Não importa o que fizeram antes. Para mim, ali não tem bandidas, assassinas, traficantes, assaltantes e tantos outros adjetivos que reforçam uma ação e não representa quem são. Dentro da instituição tem adolescentes e todos os desafios desta fase de transformação. Trabalho com desenvolvimento humano. O que importa é que ao deixarem a privação de liberdade as adolescentes/jovens adultas possam se tornar seres humanos melhores do que quando entraram.

As nossas histórias são marcadas também pelas violências que sofremos e pelas histórias de violência que escutamos contar. Isso altera a nossa própria biografia. Ninguém sai imune após longas conversas sobre histórias de vida, que na maioria absoluta das vezes, é regada de violência, dor, abandono e morte. “As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (Adichie, 2019. p. 32). Quando contamos, relatamos a nossa história, isso ajuda a transformar o trauma em passado e a ressignificá-lo tornando-o experiência produtiva de vida.

O tempo passa, os anos avançam. Eu mudo. As gírias que antes eram compreendidas com mais facilidade, agora me soam novas. Eu estou envelhecendo lá dentro. Já elas, são sempre novas. Sempre jovens. Se renovam o tempo todo. Ficam dias, semanas, meses e anos lá. Sempre chegando “guria nova” sempre indo embora alguma veterana. Eu estive com 20 anos e agora estou na casa dos 30 anos. Elas seguem entre seus 12 e 21 anos. Elas não envelhecem, eu sim. Se elas são sempre as mesmas, o que estamos fazendo de errado? Será que o erro ainda está em focar no fim, no sintoma (privação de liberdade) e não na causa (pobreza, desemprego, falta de educação e etc)?

Das histórias que escutei, muitas socioeducandas me falaram que sair do sistema socioeducativo ou da cadeia (ao lembrarem de integrantes de sua família que lá estão ou que já passaram pelo sistema penitenciário) não é a mesma coisa que sair do crime. Nem sempre é simplesmente dizer “tchau”. O crime também tem suas regras. E quando saem - do crime e dos sistemas socioeducativo e penitenciário - não encontram uma vida com oportunidade. Lugares em que o Estado não chega, o crime chega. E lá eles estão com os braços estendidos para que aquela jovem tenha comida no prato, nique nos pés e dinheiro no bolso. É claro que o crime te dá, mas também te cobra. Tudo tem um preço. Ou seja, se o Estado não chegar onde não estava na primeira vez em que essa adolescente foi privada de liberdade, ela vai repetir o que a levou para atrás das grades. Como quebrar o ciclo de violência?

É comum que as socioeducandas não sejam as primeiras de suas famílias a estarem privadas de liberdade. Muitas vezes, avós, tios, tias, primos, primas, irmãos, irmãs, mãe e pai já passaram pelo sistema. Uma vida entrando em centros socioeducativos e presídios seja para ser uma socioeducanda/detenta seja para ser uma visitante. O sistema já as tem!

6.4 Quarta onda: Sou Autoridade!

A Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) é uma instituição total por ser tratar de um espaço em que um número elevado de adolescentes/jovens são colocados em uma mesma situação (a privação de liberdade), segundo uma rotina explícita e minuciosamente regulamentada sem nenhum contato, muitas vezes, com o mundo exterior, por um período relativamente longo, ainda mais se tratando de uma fase da vida em que o tempo transcorre de forma diferente. Há adolescentes/jovens que ficam meses, quando não anos, sem contato com barulhos e cenas rotineiras de uma vida urbana: barulho de uma buzina de um carro, latido de um cachorro e aglomeração de pessoas. O mundo externo é conectado pelos trabalhadores, familiares (quando recebem visitas) televisão e livros. As instituições totais podem ser divididas em 5 organismos, sendo um destes as instituições destinadas a proteger a comunidade de pessoas rotuladas como intencionalmente

ameaçadoras (Goffman, 1961). Mas o que é uma pessoa intencionalmente ameaçadora? Não quero transformar adolescentes em “mocinhos”, mas muitas vezes a intenção real não é de ameaçar ninguém e sim de colocar um prato à mesa, um baseado na boca e uma proteção no beco.

A FASE é uma instituição que não determina quem fica apreendido e quem ganha liberdade. Gosto de pensar que trabalho com desenvolvimento humano e que o meu papel enquanto Agente Socioeducadora é de colaborar para que a execução da Medida Socioeducativa das adolescentes e jovens adultas ocorra da melhor forma possível. Trabalhamos com transformação: o sujeito que chega precisa sair diferente daquela que saí. Nós também vamos nos modificando. Trabalhar tanto tempo com privação de liberdade, em contato com a violência, com barulhos de grades e cadeados, com falatório que só se compreende lá dentro, faz com que haja um risco da mortificação do eu. Para Goffman (1961) a mortificação do eu são as constantes mutilações da identidade resultante do isolamento social (as funcionárias chegavam a fazer mais de 120 horas extras por mês, viviam lá dentro como uma interna. As novas gerações de funcionárias já atuam com uma limitação de horas extras), da perda dos múltiplos papéis sociais (deixavam seus filhos em casa, seus maridos, amigos e exerciam de forma mais intensa o papel de agente socioeducadora) da padronização da rotina (casa, trabalho, casa), da transformação não somente das adolescentes, mas também dos funcionários, em objetos (todos são substituíveis o tempo todo. Precisa de gente, não importa quem).

Dentro da FASE eu sou autoridade, represento o Estado. Mas, não devo ser autoritária! Sou autoridade porque eu sou responsável pelas adolescentes para quem eu trabalho, eu sou o código garantidor da rotina das adolescentes. Minha autoridade está a serviço delas. Quando eu oriento uma socioeducanda a não gritar, faço isso não porque quero silêncio e detesto barulho. Isso seria ser autoritária. Peço que fale em tom adequado para que todos possam se ouvir porque ela está lá para cumprir uma medida socioeducativa, e as outras também. Todos precisam se ouvir, com respeito e, quando necessário, com sigilo. Isso garante o andamento da rotina de todas. Eu sou contra a fraude que ela faz contra ela mesma, não porque isso me ofende, mas porque isso prejudica a execução de sua medida socioeducativa. E eu estou lá para garantir que tudo ocorra da melhor maneira possível. Eu não posso esvaziar a minha autoridade.

6.4 Quinta onda: Morremos na praia!

O que você quer aprender? O que você quer fazer? As escolhas das adolescentes/jovens adultas para a construção do seu itinerário formativo, trilhado a partir do Projeto Meu Querer, serviram de dispositivo para o meu próprio aprendizado pessoal.

Aprendi e muito com as narrativas de vida que elas escolheram me contar. Os encontros reforçaram o meu entendimento dos privilégios que carrego em ser uma mulher cis, branca, de classe média. Com cada socioeducanda as conversas giravam em torno de temas que de alguma forma nos conectava: maternidade, família, violência, feminismo, festas, infância, adolescência, drogas, sexo, música, sonhos e desejos, especialmente o desejo de ir embora (pulsa nelas a vontade de receber a liberdade e em mim, a de ir para casa com um novo emprego). Aprendi que, às vezes, as pessoas se machucam porque querem se aliviar emocionalmente e não sabem/conhecem formas saudáveis de fazerem isso. Aprendi a reconhecer as minhas válvulas de escape: escrita, banho, conversa, abraços e pé no mar. Reconheço mais uma vez o privilégio que tenho em poder olhar para o cuidado em saúde mental como prioridade. Aprendi com elas que as medicações servem para dar condições de se viver melhor, mas que não podemos nos anestésiar. Tudo bem ficar triste quando esse sentimento for coerente com o que você está vivendo. Não precisa, necessariamente, tomar remédio para isso. Precisamos descobrir as causas e tratar. Aprendi que criamos os nossos personagens para vivermos em cada lugar. Por vezes o personagem que me cabe é aquele que me faz ser reconhecida. Algumas das adolescentes mais problemáticas institucionalmente “escolheram ser”, pois assim são reconhecidas, cuidadas, olhadas.

Certa feita uma adolescente falou para mim: “Estela, imagine se seu filho estivesse aqui?”. Eu imaginei. Respondi que gostaria que quem ali estivesse cuidando dele o tratasse como eu a trato. E devolvi a ela pergunta: se sua mãe aqui estivesse, como você a trataria? Sou mãe, não delas, mas do meu pequeno. Mas, de alguma forma, exerço a minha maternagem lá também. Falando em mãe... aprendi que existem mães e mães. Que há vínculos que precisam ser rompidos. Nem tudo deve ser perdoado. Aprendi a compreender a matar alguém, mesmo que eu nunca compactue com isso.

Uma das adolescentes escolheu, do tempo que ela tinha para o Projeto Meu Querer, ficar na sala sem fazer absolutamente nada. No início ficamos em silêncio por um tempo e falávamos pouco, embora no grupo tivéssemos uma relação de muita conversa. Refleti muito na época sobre o produtivismo e o quanto não damos espaço para o vazio. Precisamos estar produzindo o tempo todo, desenvolvendo inúmeras tarefas, de preferência simultaneamente. Uma corrida sem fim. Isso nos torna rasos, pois perdemos a capacidade de nos aprofundarmos. (Han, 2017). Precisamos valorizar também o tédio e a contemplação do “não fazer nada” que podem ser pré-requisitos para a criatividade. Aprendi que o ócio e as pausas são essenciais, assim como observar a rua, jogar conversa fora e até mesmo ficar entediada.

Os quereres foram tão diversos que entendi os privilégios que estava tendo em poder aprender junto a partir do desejo do outro. Faço tranças nos cabelos melhor hoje. Dedilho algumas coisinhas no violão e no ukulele. Arranho mais o meu inglês. Mexo melhor o meu corpo para dançar. Sei mais sobre cores de tintas e combinações. E tantos outros aprenderes. Fui privilegiada em aprender tanto com os quereres delas e a focar nos meus interesses, reconhecendo os meus desejos, os meus quereres e indo ao encontro deles.

Outra adolescente escolheu estudar, organizar currículo e procurar emprego. Ela foi a primeira mulher de sua família a prestar concurso público mediado pelo Projeto Meu Querer. Ela saiu da prova orgulhosa em ter passado pela experiência de ser avaliada em liberdade para algo que poderia garantir uma carteira assinada. Ela estava ali, abrindo espaço para que outras gerações de sua família se sentissem tão pertencentes a ocuparem o espaço que pode ser de todos, mas que sabemos que não é: concorrer a uma vaga via concurso público. Após a construção de seu currículo fomos procurar emprego juntas. No primeiro lugar para entregar o currículo ela estava nervosa, seu corpo tremia e sua fala não saía. Entrei por ela. No segundo lugar entrei junto, mas ela falou. No terceiro lugar fiquei na frente do estabelecimento. No décimo lugar e nos outros 47 lugares ela foi sozinha. Eu a acompanhava de longe, vibrando com cada entrega... até que depois de muitos currículos a chamaram para uma entrevista. Da entrevista foi para o teste prático. Ao terminar a adolescente veio em minha direção e com os lábios tremendo, como quem está segurando um choro me disse “você está mudando a história da minha família”. Eu respondi que quem estava mudando era ela. Mulher, pobre,

preta, cumprindo medida socioeducativa, trabalhadora, agora de carteira assinada, indo contra as estatísticas que a colocam à margem da sociedade.

Encontrar com o mar sempre foi algo mágico para mim. A imensidão da água me lembra do quanto o mundo é grande. As ondas me lembram que algumas situações vão me derrubar. Outras vão passar por mim. E que por vezes terei que mergulhar. Uma das falas da minha mãe que mais marcou a minha existência é sobre mergulhar, trancar a respiração e respirar. Ela dizia que quando eu estivesse passando por alguma situação indesejada, e a vida é cheia delas, eu deveria me entregar e mergulhar. Ao trancar a respiração seria uma forma de aguentar o período que não é bom. Mas, quando eu fosse puxar o ar eu encontraria o outro lado que eu tanto quis chegar. É uma metáfora que levo para vida. Ainda estou no meu mergulho, ansiosa por respirar. Seu gosto salgado, me faz lembrar que a vida nem sempre é doce. Como alguém pode nunca ter pisado nas areias do mar? Como alguém pode nunca ter banhado seu corpo com as ondas do mar? Uma pesquisa da Unesco de 2022 aponta que 10% da população brasileira não conhece o mar. Uma das adolescentes durante o Projeto Meu Querer compartilhou um sonho: Conhecer a praia. Ela só tinha visto o mar pela tv e em livros. Queria saber o seu gosto e como era mergulhar por dentro de uma onda.

O Projeto Meu Querer não é engessado em apenas uma área de conhecimento. Ele é atravessado por diversos campos que se entrelaçam. Por diversos entraves institucionais e depois de mais de 3 anos de aplicação, o Projeto foi encerrado. A justificativa é que sua escrita nunca tivera sido aprovada. A memória não foi constituída institucionalmente, e sim na memória dos afetos. A última cena do Projeto Meu Querer foi linda: 3 adolescentes correndo, realizando o sonho de se encontrar com o mar!

E o Projeto Meu Querer, assim como tantos outros projetos, morreu na praia!

6.5 Feito areia de volta para o mar!

Não quero entrar mais nesse mar. Não quero sentir mais seu gosto salgado, nem que seja para lembrar que nem sempre a vida é doce. Embora seja confortável olhar o mar pela areia, aprendi a pouco que o conforto nem sempre é bom. É preciso sair dele, encarar o caos, entrar em crise e voltar para o mar. Continuar a nadar para que a maré possa me levar, na hora certa, para outros mares. Enquanto

isso não acontece, preciso seguir sendo Agente Socioeducadora, agora não mais atuando com o Projeto Meu Querer, mas fazendo uso de seus conhecimentos e aprendizados.

Em uma das cenas do filme Filadélfia um advogado pergunta ao outro o porquê que ele continua sendo advogado. Ele responde que às vezes, muito raramente, o direito encontra a justiça e que quando isso acontece é maravilhoso. (Filadélfia, 1993). Por que depois de tantas ondas que representam as micro violências eu continuo estando Agente Socioeducadora? Porque às vezes, raramente, as adolescentes e jovens adultas encontram a (re)socialização e quando isso acontece é maravilhoso! O que falamos, o modo como agimos, mudam as percepções das socioeducandas e isso transforma o modo como elas pensam, falam e agem. Não mudamos tudo. Mudamos pouco. Talvez algumas socioeducandas até “desmudem” quando encontrarem a liberdade de novo. Fizemos um pedaço. O nosso pedaço. Demos um passo. E outros estão dando outros passos também. E passamos a fazer parte da memória dessas pessoas. Às vezes não dá certo. Mas às vezes dá. E quando dá é maravilhoso.

A memória me autorizou a escrever sobre a vida lá dentro do CASEF. Escutar com todo o meu corpo tantas histórias de dor e de violência intensificaram, de maneira profunda, a minha percepção do que realmente importa viver.

O Projeto Meu Querer está na história de muitas adolescentes e jovens adultas e agora na minha também!

7 CONSIDERAÇÕES NADA FINAIS

O Projeto Meu Querer, embora com diversos registros institucionais, não integrou a carteira de serviços do Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino do Estado do Rio Grande do Sul (CASEF), ofertados para as socioeducandas. Os Projetos realizados dentro do CASEF acontecem a partir da expertise e do campo do desejo que parte das próprias Agentes Socioeducadoras (ASES), o que configura em propostas pessoais e não em uma proposta de Gestão Pública. Não representam uma memória institucional e sim uma memória dos afetos do conjunto de trabalhadoras e daquelas que participaram dos projetos. Embora haja registros institucionais, publicações e reportagens do projeto Meu Querer, a memória afetiva ficou naquelas que se envolveram com ele, já a memória do papel ficou engavetada.

O Projeto Meu Querer não tem uma área específica de campo de realização, afinal os querereres são tão diversos, partem e chegam a tantos lugares, que a sua realização é uma teia de inúmeros saberes: psicologia, sociologia, arte, história etc. O Projeto Meu Querer não foi uma tentativa de assumir as atribuições do corpo técnico de servidores. Se entende que para fazer socioeducação é preciso trabalhar em conjunto não somente dentro da FASE, mas com tantos outros atores e atrizes do Sistema Socioeducativo e da própria sociedade. Não há como fazer socioeducação sem o sistema judiciário. Não há como fazer socioeducação sem as famílias e comunidades.

As adolescentes e jovens adultas devem se responsabilizar pelos seus atos infracionais e os centros socioeducativos precisam se distanciar dos modelos prisionais para que assim possam assegurar que o Estado não está preparando seus jovens para a entrada em outro sistema, e sim para a vida em liberdade, com dignidade. Socioeducação não é cadeia. Caso fosse a discussão sobre a redução na maioria penal não precisaria mais ocorrer, pois já seria um fato. Quanto mais o sistema socioeducador piora, melhor para o crime. Pior para a sociedade.

Os Agentes Socioeducadores que acreditam que possam melhorar o Sistema Socioeducativo, já começaram a viver a mudança. Os que não acreditam nele, os que não acreditam que as adolescentes e jovens adultas podem encontrar novos modos de viver em sociedade, esses devem entender que estar Agente Socioeducadora não é a única profissão do mundo.

O Projeto Meu Querer colaborou com a produção de melhora de vida de diversas adolescentes e jovens adultas que passaram pelo Sistema Socioeducativo. Elas saíram mais empoderadas, donas de si, com mais autonomia e com propósitos de vida. Propósitos, que ao longo da vida, vão se modificando, ganhando novas formas a partir de suas escolhas e trajetórias. O Projeto, embora não esteja mais em funcionalidade, segue como um modelo a ser seguido não somente pelo sistema socioeducativo, mas por tantos outros espaços em que se trabalhe com transformação pessoal.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 32 p.

ALVES, Sandra Maria Campos; OLIVEIRA, Gisélia Batista de. (2020). As Contribuições de Paulo Freire para o Empoderamento Feminino no Campo. *Research, Society and Development*, 9, (6), 1-13. 2020.

BARATTA, Alessandro. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do Direito Penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BARROS, R.D.B. *Grupos: a afirmação de um simulacro*. Tese de doutorado: PUC/SP, 1994.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90*, de 13 de julho de 1990.

_____. *Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Presidência da República, 2006.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.

Beda (2011). Holder, Arthur G., ed. *On the Song of Songs and selected writings. The Classics of Western Spirituality*. Nova Iorque: Paulist Press. ISBN 0-8091-4700-9

Bibliografia Chalita, G. *Vivendo a Filosofia*. São Paulo: Ática, 2007. PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Disponível em: [ogia.pdfRevista Escola Nova: estre-busca-verdade shtml?page=2 Bibliografia](#)

BITENCOURT, Cezar Roberto. *“Falência da pena de prisão – Causas e alternativas”*. 4a Ed. São Paulo. Editora Saraiva, 2011.

CORTELLA, Canal do Cortella. 3 dicas para o sucesso. YouTube, 11 de março de 2019.

CERTEAU, Michel (1994/2004). *A invenção do cotidiano – artes de fazer* (10ª ed). Petrópolis: Vozes

FASE. *Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul*, 2021. Disponível em: www.fase.rs.gov.br/estatisticas. Acesso em: 20 jan. 2023.

FILADÉLFIA (Philadelphia). Direção: Jonathan Demme. Roteiro: Ron Nyswaner. Estados Unidos. 1993. Duração: 125min.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. Tradução Raquel Ramalheite. 35. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008 – 288 p. Do original em francês: *Surveiller et punir*.

FREIRE, P. *Educação como prática da Liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. FREIRE, P.

GAGNEBIN, Jeanne (2004). Memória, história, testemunho. In: Stella Bresciani (Org.), *Memória e (res)sentimento – indagações sobre uma questão sensível* (pp. 85-94). Campinas: Ed. UNICAMP

GOFFMAN, E. (1961). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Giachini, Enio Paulo. 2. 2017. Vozes, Petrópolis: 128

JUNGES, Estela Maris Gruske. *Projeto Meu Querer enquanto dispositivo de empoderamento feminino*. 2022. 33 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

JUNIOR, Pedro Armando Falkenbach. BUCCO, Wellington Cristoffer Lewin. *Onde moram meus pensamentos: produções literárias e artísticas de jovens privados de liberdade 1ª Edição*. Guaíba: Palavreado, 2022.

LARROSA, J. Las paradojas de la autoconciencia. IN: LARROSA, J. et al. *Déjame que te cuente - ensayos sobre narrativa y educación*. Ed. Laerte. Barcelona, 1995.

MERHY, Emerson Elias. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido. In: FRANCO, T.B. et al. *Acolher Chapecó*. São Paulo: Hucitec, 2004, p 21-45.

MERHY, Emerson Elias. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo 2ª ed.* São Paulo: Hucitec; 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Acompanhando a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável: subsídios iniciais do Sistema Nações Unidas no Brasil sobre a identificação de indicadores nacionais referentes aos objetivos de desenvolvimento sustentável/ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*. Brasília: PNUD, 2015. Disponível em [Acompanhando a Agenda 2030 | United Nations Development Programme \(undp.org\)](https://www.undp.org) Acesso em 20.ago.2023.

SANTIAGO, Viviana; BASILIO, Ana Luiza. *A igualdade de gênero pressupõe uma sociedade justa para meninos e meninas*. Plan International Brasil, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Sérgio. *Flores de alvenaria*. São Paulo: Global, 2016.

UHLEIN, T. *Invisibilidades Social e a Questão da Criminalidade entre os Jovens Brasileiros*. P. 24, s/d. Disponível em:

<http://conselheiros6.nute.ufsc.br/ebook/medias/pdf/Invisibilidade%20social%20e%20a%20quest%C3%A3o%20da%20criminalidade%20entre%20os%20jovens.pdf>, Acesso em: 11. julho. 2023.

WEBER, F. (2009). A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 157-170.

ZATTI, Vicente Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire / Vicente Zatti. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007.